

MAGRU FLORIANO



PIA-MÁTER & INSIGHT



Magru Floriano

PIA-MÁTER
*[ALGUNS POEMAS SOBRE O
AMOR]*

&

INSIGHT

BRISA UTÓPICA
2008

COMUNICADO IMPORTANTE

Você está recebendo um exemplar numerado do mais recente livro de poemas de Magru Floriano.

O livro tem a tiragem de apenas vinte exemplares xerografados, que serão presenteados a amigos.

O autor não autoriza a divulgação [em parte ou no todo] dessa obra, por qualquer meio [xerox, Internet, celular, revista, jornal, rádio ...].

Pia-máter contém poemas feitos entre 2001 e 2008 e não será publicado graficamente.

magrufloriano@univali.br
magrufloriano@yahoo.com.br

EXEMPLAR NÚMERO

OFERTADO A:

INTRODUÇÃO

“Algún dia em cualquier parte indefectiblemente hás de encontrar-te contigo mismo y solo de ti depende que sea la más amarga de tus horas o tu momento mejor”.

M. de Combi

Não é fácil fazer um livro temático. Mais difícil ainda, é fazer um livro exclusivamente sobre um sentimento, em especial porque a subjetividade humana é um labirinto, fácil de se entrar e difícil de encontrar a saída. Mas, mesmo conhecendo todas estas dificuldades, há muito vinha me propondo à tarefa de confeccionar poemas sobre o amor, por entender que todo poeta tem no amor justamente sua principal fonte de inspiração. O amor é matéria-prima, a argila do poeta.

As histórias contidas neste livro, contudo, não são histórias vivenciadas exclusivamente por mim. Quer dizer, são histórias e sentimentos que vivenciei ou que pessoas a minha volta vivenciaram. As poesias não falam exclusivamente de mim. Mas, fundamentalmente falam das possibilidades do amor, aí incluídos encontro e desencontro, indiferença, paixão, traição ...

Falar do amor é falar de um camaleão que muda de cor na medida das necessidades; ou falar de um caleidoscópio, que muda o tempo todo de forma, viabilizando a cada segundo infinitas possibilidades, num jogo de imagem e ritmo que depende exclusivamente de quem o vê e manipula. Por isso mesmo, falar do amor é também falar do ódio, da inveja, da intriga, da paixão; é falar da vida como um todo, sem exceções, preferências, escolhas. Mas, também, é falar da indiferença, resultante da impossibilidade de amar.

Pia-Máter é a membrana mais interna do ser humano, sua fronteira interior, seu limite. Amar é ser tocado indelevelmente em sua Pia-Máter por um sopro de vida intensa e indizível. Experiência íntima ao extremo, ao mesmo tempo que radicalmente social. A dialética do amor envolve egoísmo e comunhão em uma membrana fina, tênue, transparente, quase teia, quase pele, quase nada... sendo tudo.

Amar é um encontro frontal consigo mesmo, porque, em última instância, o amor anula conceitualmente a existência do outro.

Amar é ser um.

alguns poemas sobre o amor

ao abrir
um velho livro de poesias
toquei com carinho
nos fragmentos de uma rosa púrpura
que guardamos
para lembrar momentos felizes
que vivemos no verão de setenta e nove

os sonetos de Pablo Neruda
foram bálsamo para a flor
mas, não conseguiram preservar
nossos sentimentos, nosso grande amor
e tudo o que restou, então,
dos dias em que apaixonado
recitava suavemente em seus ouvidos
os sonetos de Neruda,
foi a vaga lembrança
de trechos esparsos, descontínuos,
de alguns poemas sobre o amor

rosa vermelha ressequida
lembranças fragmentadas
fagulhas de uma chama
que há muito se apagou

lembranças frágeis
de alguns momentos de amor.

Obs: a flor continua guardada, entre as páginas 44 e 45 do livro *Cem Sonetos de Amor*, encobrendo com uma mancha escura a palavra AMOR.

* Pablo Neruda. Prêmio Nobel de Literatura no ano de 1971, nasceu na cidade chilena de Parral em 12 de julho de 1904. Escreveu o livro “Cien sonetos de amor” em 1959.

*sobre a impossibilidade
de revelar um grande amor*

desculpe-me, não conseguir te ver
como mais uma que passa
entre tantas que passam
o tempo todo por mim

desculpe-me, te ver assim:
sempre libidinosa, nunca pura
sempre desejosa, nunca calma
sempre pecaminosa, nunca santa

desculpe-me, por querer ser teu escravo
Por sempre te olhar com olhos em brasa
a carne em plena erupção de prazer

desculpe-me pela fúria de um amor
que guarda em silêncio
seus desejos e anseios
entre os trapos velhos e amarrotados
da covardia

desculpe-me pela distância
que só não é maior
porque mato um passo a cada dia
na esperança do abraço
e da comunhão plena dos desejos

desculpe-me pela esperança

tragédia

para quem perdeu
seu grande amor
os dias são como pétalas
que caem silenciosamente....
até desfazer a flor

egoísmo

basta-me vê-la
basta-me vê-la sorrir
basta-me vê-la sorrir pra mim
basta-me tê-la ...

encontro

que tristeza é esta
que sinto ao amar?

é a tristeza de sermos dois
querendo ser apenas um
como na foz
encontro de rio e mar

desencontro

fico deitado no sofá da sala
quieto, pensando que talvez
talvez, você venha do quarto
decidida a me beijar ...
o tempo contudo me devora
durmo torto, de mau jeito
tendo ao fundo a tevê ligada

ficas deitada na cama
quieta, pensando que talvez
talvez, eu chegue da sala
decidido a te beijar ...
o tempo contudo te devora
dormes, largada
com a mão esquerda sobre o livro aberto

dormindo
temos o mais suave
dos desencontros

botão I

no canto da sala
um botão de rosa púrpura, solitário
habita um vaso de cristal azul-turquesa
trazendo amarrado ao caule
um pequeno bilhete
em papel vegetal, com bordas douradas:

*“Quando este botão
se abrir em flor
libertará a fragrância
expressão do meu amor”*

botão II

aquele botão de rosa púrpura
que te dei
colocaste em um vaso
quando devias ter guardado
junto ao peito ...
agora, suas pétalas
estão perdidas, largadas ao chão
e já não sinto
seu perfume, guia
para chegar ao teu coração

plágio

roubei as palavras de amor
dos versos de Pablo Neruda
para ofertá-las

foram palavras ditas, bem-ditas
como se minhas fossem
fossem feitas de amor
amor de inspiração e criação

melhor teria sido
revelar-te o poeta que sou
pois guardo em mim um poema sigiloso
feito com versos mudos
que só meus olhos sabem dizer
que só meu corpo sabe recitar

ofertei as palavras de Neruda
e esqueci de me entregar

breve

e aquele beijo
quem diria
foi único e se perdeu

quem diria
um beijo só
na pressa de saciar
a fome da pele

um
um beijo
um beijo só

intensidade

numa vida
cabem muitas coisas:
angústia, tédio e dor

numa vida
cabem muitas coisas:
fantasias, alegrias
e por mais improvável que possa parecer
cabe também o amor

em apenas uma vida
tudo pode ser vivido
tudo, tudo em uma vida
até mesmo o amor

encontro na chuva

andava no meio da chuva
te procurando

e cada pingo me parecia
um beijo perdido
e cada folha levada pelo vento
lembrava palavra de amor
amor não correspondido

mas, eis que no meio do caminho
te encontrei no meio da chuva
me procurando

vendo cada pingo
como um beijo perdido
e cada folha no chão
palavra de amor
amor não correspondido

andávamos no meio da chuva
e nos encontramos num longo beijo
entre tantos beijos perdidos
guardados no coração

* Referência ao filme *Blade Runner*.

amor próprio

como é lindo o girassol
quando tranqüilo segue o sol
dia-a-dia sem pensar ...

fosse eu um girassol
seria um escravo
por seguir dia-a-dia sem amar

que lindo é o girassol
que lindo sou eu
não sendo um girassol !

in natura

meus dissabores e desgostos
 guardei em *tetra pak*
 no *freezer* da vida

meus amores
 livre-os das embalagens
 para curtí-los *in natura*
 no frescor da colheita

luz infinita

e dizer que na Praia Brava
o sol brilha a meia-noite:
o sol brilha na lua
a lua brilha na água
a água nos teus olhos castanhos
teus olhos castanhos brilham em mim

com o brilho do teu sol em mim
meu sorriso se faz dia
esquecendo de anoitecer

Praia Brava - praia localizada no município de Itajaí - Santa Catarina.

o intelectual

acendeu um incenso indiano
de Rosa Branca
e ficou olhando para os ponteiros
do relógio-despertador
que lhe jogou, em tom de ironia
uma avalanche de tic-tac

depois, cruzou os braços
sobre a escrivaninha
e contemplou longamente
uma agenda azul-marinho
que fechada
preferiu o silêncio
de quem guarda segredos ...

ali mesmo
diante dos livros que tanto amava
em posição extremamente desconfortável
no abandono espontâneo
de quem se acostumou à solidão do pensar
dormiu ...

era um intelectual
e dormiu como um homem
homem simples
cansado da vida

dormiu rodeado de livros
e sonhou um amor profundo
com poemas e letras

amor impessoal

À Mayakovsky

camarada Vladimir Mayakovsky !
amaste o carrasco como se fosse a revolução
e amaste a revolução como se fosse o povo
e amaste o povo como se fosse teu irmão

mas, teus irmãos lhe devotaram ódio,
e os carrascos ao verem teu sangue
escorrer sobre lençóis brancos
esqueceram teus versos
esqueceram de ti

teus versos, camarada Vladimir,
como teu sangue
escorreram pelas sarjetas da revolução:
sangue e versos drenados pelos labirintos da traição

camarada Vladimir
faltou-lhe odiar o poder
inimigo imemorial da liberdade
amigo mais íntimo da insensatez
sim, Vladimir!
o poder é insensato e nos priva da liberdade.
e um poeta sem liberdade
é como sangue escorrendo pela calçada:
evidência de morte e tragédia.

amaste o carrasco
e tua recompensa foi a morte
meu camarada ...
camarada Wladimir!

* Vladimir Mayakovsky (1894-1930) poeta modernista da Revolução Russa que cometeu suicídio ao ver os ideais de sua geração sendo desvirtuados por Stalin.

fome

amor
beije-me agora
agora, que faminta,
minha boca implora por tua carne

amor
abraçe-me agora
agora, que faminta,
minha boca te devora

colheita

já não há flores em mim
porque minha primavera não floresce
meu tempo é de tempestade
vento forte, chuva de granizo
desfazendo meu jardim

já não há esperança em mim
porque meu tempo é de desamor
é tempo de desfazer sonhos e esperanças
é tempo de colher
a fúria do amor

colho com tristeza
o que plantei com alegria
plantei amor
colho tempestade:
a primavera que se nega
florescer em mim

beijo de beija-flor

passei a tarde cuidando do jardim
espiando o céu anunciar chuva forte
plantei bocas-de-leão, bolsas de frade, cravos
tirei o mato, pudei as rosas
joguei fora pensamentos ruins
guardei no canto, junto com onze-horas,
a emoção de te ver chegar
depois ...
abri o portão,
como quem abre os braços para a chuva,
com um largo sorriso em flor
e te recebi com um beijo
beijo de beija-flor

beijo

o que digo agora
agora, que estás nos meus braços
com a boca úmida, entreaberta
querendo me beijar?

o que digo agora
agora, que sinto o cheiro de teu baton
e a maciez de tua pele suplicante?

digo o que pode ser dito:
digo o gosto dos teus lábios
digo o prazer da carne
no silêncio tempestuoso de um beijo

rastro

quem ama
escreve bilhetes
com a língua molhada
na pele arrepiada

mais

eu, que passei a tarde
na companhia das rosas
fiquei embevecido
com a tua fragrância

dissonância

estou triste:
as pessoas pensam de mim
o que não penso sobre mim

mãe

naquelas tardes
que fritavas banana
em uma frigideira de ferro
no fogão a lenha...

naquelas tardes
que costuravas nossas roupas
na Elgin de pedal
sonhando em nos ver felizes
na missa de domingo...

naquelas tardes
que cuidavas de nossas dores
soprando suave para secar o mercúrio
que avermelhava nossas feridas...

naquelas tardes
que ameaçavas com vara fina de salgueiro
porque vivíamos “aprontando”
na estrada-de-ferro e no campinho de cepilho...

naquelas tardes
que estavas presente em nossas vidas
nunca pensávamos em parar
olhar um instante para ti
retribuindo amor e dedicação

naquelas tardes
que de tanto amar, batias
que de tanto temer, tremias
que de tanto lutar, choravas
naquelas tardes ...
nunca pensávamos em ti

naquelas tardes, mãe
em que vivias para nós ...
nunca pensávamos em ti!

a espera

a chuva cai preguiçosa
uma sirene grita ao longe
um avião troveja acima
a tevê ilumina a sala
o relógio desperta o tédio

percebo tudo com indiferença
mastigando sem paladar
olhando, sem olhar
estou a tua espera, morena
esperando para amar

levaste meus desejos em teus lábios
levaste minhas fragrâncias em tua pele
levaste meus humores em teu sorriso
levaste meus sabores em teu hálito
levaste minha vida contigo, morena
faça o favor de voltar

imortal ironia

Bento guardou seus poemas em cadernos
como ostras guardam em seus ventres pérolas
talvez por isso mesmo
Bento sobreviveu à própria tragédia
e permaneceu entre nós
como um corpo-caderno
que pulsa palavras e respira versos
anunciando emoção

como poeta
Bento amou a poesia
mais que a própria vida
talvez por isso mesmo
seu corpo preferiu vestir-se
de Caderflex com capa vermelha
e seus versos ainda são vida

BENTO PASQUALINO NASCIMENTO (1962-1993). O livro IRONIA foi manuscrito em um caderno de capa dura, cor vermelha, do tipo Caderflex, no final de 1982 e início de 1983. Bento deu o manuscrito para o casal de amigos Simone Mafra e Mauro dos Santos.

insônia

bateu a madrugada em mim
e meus olhos ardentes
são ponteiros soltos do relógio
dançando a música da insônia

enquanto dormes
conto as gotas que beijam o telhado
e latidos dos cães vadios
peregrinos da noite

ao teu lado
fico só
condenado a ver a madrugada lacrimejar tempo
cuspindo a gosma fétida do tédio

mas, na agonia das horas
ser discreto, não te acordar
é meu jeito especial
de te amar

descanso

agora
estou sentado em minha cadeira de balanço
na varanda da frente de casa
tendo aos pés
minha cadela dachhund
e esparramado pelo chão
um domingo preguiçoso

ao lado,
observo bocas-de-leão respirando sol
e um botão de rosa, cor-de-rosa,
vacilando em desabrochar

enquanto isso
um pardal marrom-escuro
cata insetos na grade do muro
entre os espinhos de uma roseira
Santa Terezinha

agora
é só amar
amar a vida
que balança na cadeira
com preguiça de domingo

solto

larguei meus passos na estrada
e meus olhares acima das nuvens negras
carregadas de água e liberdade
nas costas, uma mochila verde
 com tiras de couro cru
calça americana desbotada
cabelos longos, barba por fazer ...

larguei meu cotidiano na gaveta
junto com documentos e compromissos
e fui para a estrada
testemunhar o nascer do sol
na queda da lua cheia

larguei meus pensamentos, no campo
dourado pelas espigas do trigo e o peito da sabiá
depois, fui até o cimo do morro de Vila Velha
ver a coruja chorar a noite
na noite, visitei prostíbulos,
dormi embaixo de viadutos
 tragado pela neblina

larguei minhas posses e meus laços
 de amizade e parentesco
e fui visitar o mundo
conhecer o frio, a fome
conhecer também, a liberdade
 a liberdade de não ter nome

depois...
voltei para Curitiba
onde uma carteira de identidade
esperava por mim, apreensiva

farsa

não há amor entre as pedras
mas, bem que elas às vezes se combinam
não há amor entre as estrelas
mas, bem que elas brilham juntas no céu
não há amor entre rio e mar
mas, bem que eles sempre se encontram

pedras, estrelas e mar não amam
e se amam, não nos dizem
bem diferente de gente
que mesmo quando não ama, mente
simula amar, desesperada-mente

o poeta

quero as palavras de Lindolfo Bel
quero seus signos, símbolos, significados
quero sua poética em mim poeta.
poder decifrar o **Código das Águas**
para me lavar em versos
com a fragrância de suas palavras

Referência ao poema **Procuo a palavra poema** do livro *O Código das Águas*. São Paulo: Global, 2000.

Lindolf Bel: Poeta catarinense, nascido na cidade de Timbó no dia 02 de novembro de 1938, conhecido no Brasil pelo seu pioneirismo de levar a poesia para os mais diversos locais públicos da cidade de São Paulo, entre as décadas de 60 e 70, em um movimento que ficou conhecido como Catequese Poética. Faleceu na cidade de Blumenau a 10 de dezembro de 1998.

medo

esta pele suave
morena, cor de entardecer
película que reveste corpo
escultura divina

esta pele morena,
suave, brisa matinal no estio
trazendo prazeres
revelando a sensibilidade do amor

esta pele sensível
perfume de rosa desabrochando
após a chuva da manhã

esta pele que revela segredos
e troca meus sonhos por medo:
o medo que tenho
de te amar mais que a mim mesmo

não tivesse tua pele
a cor do entardecer
não tivesse tua pele
a fragrância das rosas...
seria muito mais fácil,
tranquilo ... te amar

assim, pareces uma teia,
que brilha com o orvalho da manhã,
onde deito e padeço

Prisão voluntária

amor ! amor!
deixei minha liberdade
para viver em ti

identidade

este rio que corre
pelo centro de minha aldeia
é rio feito de lágrimas
por isso...
nele, todo mergulho
é reencontro

Referência a versos do poeta Fernando Pessoa.

amor real

é tempo de estio
e teu corpo nu, descansa
sobre o tapete da sala
lambido pela brisa do fim de tarde

brisa que alegra as cortinas
que ensaiam vôos curtos
enquanto o sol declina
e currecas cantam, canto rouco
nos labirintos da cumeeira

o dia silencia
e teu corpo nu, reluz suor
espalhando preguiça e beleza
por uma casa feita de amor

enquanto a brisa refresca teu corpo
o que sonhas?
enquanto as cortinas esvoaçam
o que sonhas, amor?
enquanto as currecas cantam na cumeeira
o que sonhas, meu amor?
enquanto o dia vagorosamente deita
o que sonhas, meu grande amor?

na certa, sonhas o grande sonho
de quem ama e é amada:
sonhas o sonho de despertar!

distante

novamente estou distante
distante de teus lábios
que soletram desejos
murmuram saudade...
distante de teu corpo
que meus olhos não esquecem
mesmo longe, perdido nos quilômetros da estrada

Florianópolis é distante
mas inda sinto tua fragrância
me envolvendo como cipoal de desejos
e busco, no desespero de quem está longe,
meu estro em teu aroma errante
correndo desesperado
como o Itajahy-açu na vazante

todos os quilômetros
e cada quilômetro desta estrada sinuosa
é espinho, ou espada
me maltratando, afiada,
aumentando o desejo de me entregar

distância
lastro do desespero
de corpos suplicantes
Florianópolis está longe
meu desejo tão perto !

notícias

hoje
li todos os jornais
ouvi as rádios
vi na tevê os noticiários
depois, no silêncio da noite
ouvi as estrelas
falarem de ti

Poema publicado na antologia **O JARDIM DE JUDITH**, organizada por Ruth Laus em 2004. Página 102.

Referência a poema de Castro Alves “Ora, direis ouvir estrelas...”

amor desfeito

nosso amor
acabou
como vela vermelha, derretida
sobre cálice de prata

gotas sobrepostas, em tom rosa
[lágrimas, testemunhas do tempo]
tempo que passamos nos redemoinhos
de um mar de emoções

amor, vela derretida
gotas sobre gotas, pingando desejo
estalagmite, como dedo em riste
acusando o destino, por traição

amor, vela desfeita ...
nem chama restou!

labirinto

teus olhos castanhos
são meu estro
teu sorriso, meu sorriso
teus cabelos
um cipoal onde me perco em desejos

e se há abrigo para além de teu dorso
e conforto para além de teu peito
jamais saberei
porque há muito
me perdi em ti, labirinto de amor

eterno aprendiz

quantos amores tive
ensaiando ti amar
amei Madalenas, pelas noites adentro
amei Marias, pelo Brasil afora
todos os beijos, todo o desespero
por não ser correspondido
todas as transas de carne a carne
e olhares de desejo do corpo viciado
em não estar só
todos, todas, tudo
ensaio para aprender a te amar

hoje, maduro, experiente
fico sorrindo feliz
sentindo teus lábios macios
teu cheiro melífluo na pele macia
lembrando do desespero de aprendiz

mas, dos tempos de aprendiz
restam-me as mãos vacilantes
sempre pedindo licença,
[com tato, toque tímido]
para percorrer teus caminhos
tudo como sempre foi
sempre se fazendo
uma primeira vez...

camisola

qual a camisola mais bonita?
preta, branca ...
aberta, fechada ...
de seda, com renda ...
transparente?

qual a camisola mais bonita?
nem colorida, nem de renda ...
são todas e nenhuma em especial
a camisola mais bonita
é aquela jogada aos pés da cama
na pressa ardente do amor

a camisola mais bonita
é aquela jogada ao chão
testemunha muda, que grita
a tua rendição

pá-máter

sandálias de dedo
bermuda com estampa florida
sem camisa, cabelos desalinhados...
senta, o poeta,
na varanda da casa
tomando, em doses regulares,
a brisa da manhã

olha silencioso
as coisas a sua volta
com olhos de estrangeiro

depois ...
depois de devorar
com fome de plutocrata
as coisas do mundo,
cerra os olhos com firmeza,
e como peregrino,
volta a percorrer
a terra desconhecida
de sua própria consciência

busca

tenho um passado
e não suplico aos deuses
outra história

cumpro a minha sina
com resignação:
de ter acerca do agora
o que fui

de tanto andar, cheguei aqui
nem fiquei pelo caminho
nem fui adiante
estar aqui é meu destino
é meu fim
o fim de me encontrar,
comigo mesmo,
dentro de mim

dialética do ser

caio sobre a terra...
sob a terra me desfaço
faço-me árvore frondosa
em busca do sol
para fazer-me semente
e nascer
eterna-mente !

perfeição

eu que não sou Deus
ponho-me a criticar
fosse Deus, deixaria
tudo como está
sem por ou tirar

visão adolescente do amor

semiótica
semi ótica
sem ótica
sêmem ótica

amor

ígneo, profundo, vulcânico
na pele incandescente
corre e queima
depois esfria
e na rocha sólida
desenha minha vida

magma indomável
depois esfria
primeiro, incontrolável, precipita-me
depois, intransponível, agoniza-me

magma incandescente
depois, pedra bruta

dor eterna

feliz é o poeta
que transforma sua dor
em poema

triste é o poeta
que só vive na dor
de seus poemas

feliz ou triste, o poeta
antes de amor
é dor!

INSIGHT

incerteza

talvez, seja talvez
talvez, seja um dia
um dia, talvez

há um sentimento de incerteza
nesta lágrima cuspida
por teus olhos tristes.
talvez estejas triste por amar
talvez nem ame, ou se aperceba de que é amado.
talvez até ame
talvez até sintá-se amado
talvez nem saiba
talvez nem queira saber
talvez!

pássaros de seda

lembro daqueles dias das férias de inverno
que passava fazendo pandorgas
em cima do fogão a lenha
de tinta vermelha *Xadrez*
que ficava no rancho de madeira
atrás de casa

lembro da ida até o Rio Pequeno
para colher bambu
e o medo que tinha
de usar um facão sem corte
velho e enferrujado, com o cabo quebrado

lembro também
do cheiro da araruta fervendo
para a produção da cola
e a lambança que fazia
com a goma, na caneca esmaltada lascada

lembro da compra do papel de seda
na venda do seu Marcelino
e as vezes que as pandorgas
coloridas, lindas...
simplesmente não subiam

lembro das pandorgas
e dos papagaios, estrelas, pipas
em tamanhos, formatos e cores
a não poder contar sem mentir

lembro da minha alegria
em segurar firme uma pandorga
rebolando no céu
por cima das pilhas de madeira da Castelli

[continua]

mas, lembro também
da tristeza de perder uma pandorga
com a linha arreventada pela força do vento
ou porque na subida
ficou presa nos fios elétricos da rua Max
[Cemitérios a céu aberto dos meus pássaros de seda.]

lembro dos meus irmãos
rindo e correndo na estrada de terra batida
para fazer as pandorgas subirem
e como um dia sem vento
era um dia triste de julho
sem vento

lembro dos *telegramas* que subiam
e os que caíam pelo caminho
lembro da compra dos carretéis de linha
e a feitura das carretilhas de madeira
com arame e prego
lembro da arte/artesanato
de fazer a pandorga, a cola e a carretilha
sem economizar amor

por isso ainda sinto
a queimadura morna do fogão a lenha
o cheiro da araruta borbulhando
na velha caneca branca esmaltada
o vento batendo em minha cara
a pressão da pandorga
pedindo aos meus pequenos dedos
mais linha ...

ouço os sons das ventarolas trepidantes das pandorgas
só imaginando estar colocando a linha
bem próxima ao meu ouvido esquerdo
e lembro de sentir saudades

o maluco da minha rua

A Paulo Leminski

passava o dia
comendo raios de sol
e as noites, falando para as estrelas
refletidas em poças d'água, no canto da rua
por onde andava peregrino

falava pela rua, monólogo
que irritava o cotidiano dos seres-sérios-série
gesticulava, berrava, provocava
ria da gravata que ia ao trabalho
enforcar a liberdade de seu dono-domado

vez ou outra
ficava quieto, trancado por dentro
ouvia estrelas contidas em seu universo
de uma loucura que se bastava
depois, voltava ao mundo
com um novo monólogo
de palavras soltas, tortas, livres
surpreendia a todos cria-ativa-mente
falava para as poças na rua
falava também para as moças-mariposas-moscas
pedras, pedros, padres ...

por comer raios de sol
as vezes, cuspiam luz
as vezes, corpo nu, brilhava só-sol-sábio

[continua]

para todos
não era José, não era João ou Josué
era **Tolinho do Arame**
por fazer-se Hércules
dobrando fios até quebrar
quando enjoava das coisas do mundo e gente
quebrava arame em pedacinhos
quieto em um canto,
sorrindo cúmplice
para porta, poste, puta, pote, pasto...
sorriso indistintamente para tudo e todos
porque não amava ou odiava
era um ser contemplativo
que se bastava

o maluco da minha rua
brilhava com a lua
e por isso nunca se apagou em mim
guardo sua luz, presença
guardo seu sorriso, sem dentes
e a leve sensação que me causava
de ser arame torcido-destorcido
nas mãos doidas da vida

Paulo Leminski: Nasceu na cidade de Curitiba no dia 24 de agosto de 1944 e ali morreu no dia 7 de junho de 1989.

Referência ao poema DOIS LOUCOS NO BAIRRO [Melhores Poemas. 4.4d.Global, 1999. pág.47].

lamento

canta a cigarra
tecendo sua morte

é canto só
canto que exaure a carne
canto que exala signos
transforma carne em cifras

e, então...
por todo canto há morte
por todo canto a morte....

mas, quantos são cigarras
com canto que o vento leva...
canto que nada constrói
nada revela, nada desvela
apenas anuncia o fim de si próprio
canto que serve de manto
transparente sobra
onde a vida é apenas casca

a cigarra canta sua carne
mas, quantos homens
sequer cantam...
sequer carne
sequer casca
sequer homem?

agora eu te pergunto
agora, faça o favor de me responder:
se é pra morrer
pra que cantar?
se é possível cantar
por que morrer?

amor improvável

a noite encobre a cidade com seu manto de ébano
mas a cidade não escurece e não dorme
mendigos, bêbados, prostitutas... policiais
insetos e luzes em pleno frenesi
em cópulas improváveis de fertilidade

por que tanto assédio, tantas rondas
tantos beijos, tanto esforço ... por nada?
um inseto beija a lâmpada quente
e neste amor noturno e cego
a natureza não se revela

porque tanto empenho
se a sentença já foi decretada?
inseto e lâmpada vivem um amor improvável !
mas, quem disse que não são felizes?

apesar

a poesia é parceira da noite
a noite é parceira da tristeza
a tristeza é parceira da solidão
e eu, que sou feliz e companheiro
às vezes sinto falta da poesia
apesar de noite
apesar de triste
apesar de só!

insônia

em plena madrugada
as horas dormem
enquanto faço vigília
em frente à tevê desligada.

é preciso se indignar

piedade: milhões passam fome
 piedade: cadeias superlotadas
 piedade: crianças nas ruas fora das escolas
 piedade: casas insalubres
 piedade: concentração de riqueza
 piedade: pão jogado no lixo
 piedade: a natureza devastada

e há quem diante de tanta insensatez
 para no sinaleiro e dá uma moeda
 de vinte e cinco centavos ao mendigo com AIDS

e há quem diante de tanta pobreza
 se filia a partidos políticos
 e profere discursos incandescentes
 prometendo o paraíso na terra
 aos marginalizados e desvalidos

e há quem diante de tanta desigualdade
 prega com Bíblia em mãos
 e promete o paraíso no céu
 para todos os que na terra sofrem

e há quem diante de tanta insensatez
 elabora teorias e sistemas
 e atribui á razão e planejamento
 a solução de todos os males contemporâneos

e há quem diante de tanta corrupção
 descaradamente rouba e corrompe,
 mente e trapaceia, engana e simula
 este, piedade, é o estrume fétido
 que permite nascer do asco
 a mais bela das flores: a indignação

piedade: o mundo precisa de indignação!

Desvio ou desilusão?

jovem linda de cabelos sedosos
pele cheirosa
sorriso perfeito

jovem linda de corpo esbelto
voz macia
gestos suaves

jovem linda de olhar penetrante
tez leve
discurso engajado

jovem linda de educação refinada
idéias sofisticadas...

o que te fez prostituta?

insônia

quantos vigiam
quantos perambulam
quantos deliram
quantos amam
quantos ...

a noite não existe
para aqueles que dormem

a última escravidão

chicote e trote
caminhada acelerada
rumo ao passado
na cidade que caminha para o futuro

chicote de couro molhado em suor
chicote afiado no uso e no abuso
chicote com cheiro de sangue e dor
com cor de maldade

chicote e trote
em tom de choro de carpideiras
vestindo a cidade de luto:
nuvens escuras, asfalto ..
e a noite caindo sobre nossas consciências

mais uma carroça trafega
livremente pelas ruas de nossa cidade
e o animal que não chora
e sequer pede nossa clemência
nem por isso deixa de merecê-la

Ao contrário de muitas grandes cidades brasileiras, Itajaí ainda permite as carroças puxadas por tração animal.

minha cidade chora

a chuva cai relaxada
sobre a Praça Irineu Bornhausen
enquanto pombos arrulham, pedintes, o grão da piedade cristã
dos ouvintes do sermão dominical

o sino da igreja bate frenético
sonoro vôo sobre a Praça Irineu Bornhausen
enquanto mendigos, também pedintes,
pouco se importam com a pobreza d'alma
dos fiéis que cruzam a praça em busca de benção e perdão

quem chora?
o céu que lacrimeja gotas esparsas?
o sino que lamenta ausências?
o crente que pisa a escadaria ensaiando seu primeiro sinal da cruz?
não !
quem chora é minha cidade
esta cidade que molhada por gotas de mendicância
revela injustiça, desigualdade ... desumanidade

minha cidade chora no domingo pela manhã
ao som do sino, arrulho metálico,
por ver-se gigante na arquitetura
mas pequena no coração

minha cidade chora
por ter erguido uma catedral ao Santíssimo
e esquecido, no banco da praça, um ser humano
cuja imagem sequer pode ser refletida
nos vitrais coloridos de nossa fé

[continua]

para que templo
se do lado de fora o banco de praça é morada?
para que sinos e hinos
se o louvor é falso e o banco de praça é morada?
para que estátuas e vitrais
se o canto nem sempre é santo e o banco de praça é morada?

se pelo menos cada tijolo fosse piedade
se pelo menos cada gesto fosse amparo
se pelo menos cada canto fosse perdão
se pelos menos cada templo fosse abrigo
se pelo menos cada lágrima fosse lágrima.

Bem-vindas

as andorinhas voltaram
nos primeiros dias da primavera
voltaram festivas, gordas, em vôos rasantes ...

eu, que ainda estava por aqui
fiquei feliz em vê-las
preparando o verão

notícias do nada

são cinco horas da madrugada
e a noite segue chuvosa
chove!

todos dormem na Travessa Moritz
enquanto raios iluminam o céu de ébano
e trovões tagarelas ecoam
querendo mandar notícias do nada

ficar insone
é ficar rodeado de nada
enquanto a chuva cai ... por nada

na alegria sou o mundo
na tristeza sou para mim

rumos

sobre a mesa
repousa “*Militância*” de Victor Márcio Konder
na capa, um homem trilha o deserto e,
apesar de exausto,
ainda mantém sua sombra

sua camisa vermelha contrasta,
mesmo ao longe,
com o amarelo infinito de areias infinitas
compondo o deserto infinito
daquele que ao **sonhar para todos**
chegou à velhice ciente
de que bastava **sonhar para si**

Victor Márcio Konder - Sociólogo, filho de Marcos Konder, nasceu na cidade de Itajaí no dia 03 de novembro de 1920 e morreu na cidade de Florianópolis no dia 09 de novembro de 2005. Membro da Academia Itajaiense de Letras, publicou o livro “*Militância*” em 2002, onde conta sua trajetória como militante do Partido Comunista Brasileiro [vermelho] e sua adesão, ao final da vida, ao Partido da Frente Liberal [amarelo].

amar é

amar é esquecer de tudo
é esquecer tudo
mas, principalmente, esquecer de si próprio

amar é abandonar tudo
mas, principalmente, abandonar a si próprio

amar é um lapso de memória
é inconsciência de si
é devaneio total
é sonho, é delírio...

amar é não ter razão
é perder o juízo
trancar o bom senso no porão

amar é ficar louco

mundos paralelos

Sei o quanto de belo tem o mundo:
pesco ao amanhecer, e também ao entardecer,
na Baía de Porto Belo

Mas, pela janela de minha biblioteca
vejo um mendigo dormindo
na lixeira do Ana Karina

Sei da riqueza do mundo:
visito casas suntuosas
e freqüento restaurantes requintados

Mas, pela janela de minha biblioteca
vejo um mendigo dormindo
na lixeira do Ana Karina

Sei do avanço tecnológico do mundo:
tenho tevê colorida, celular, internet, computador

Mas, pela janela de minha biblioteca
vejo um mendigo dormindo
na lixeira do Ana Karina.

Sei das lutas do mundo:
votei no MDB e depois no PT e PV
lutei por causas sociais humanitárias

Mas, pela janela de minha biblioteca
vejo um mendigo dormindo
na lixeira do Ana Karina.

O pôr do sol na Baía de Porto Belo
e o mendigo dormindo na lixeira
o *filet mignon* do Iate Clube Cabeçudas
e o mendigo dormindo na lixeira;
minha tevê colorida vinte e nove polegadas
e o mendigo dormindo na lixeira
todas as causas justas, as lutas sociais, o voto consciente
e o mendigo dormindo na lixeira....

[continua]

Por que não consigo separar essas coisas?
Que consciência há em mim
que mistura *filet mignon ao molho madeira* com lixeira
pescaria ao pôr do sol com mendigo
alta tecnologia com piedade?

Talvez o mendigo, que dorme na lixeira do Ana Karina,
se alimente do meu olhar silencioso e piedoso
e peregrine no território da minha consciência
de homem pretensamente justo
Talvez o mendigo, que dorme na lixeira do Ana Karina,
viva dos restos de minha inércia
Talvez....

O certo é que há um mendigo
dormindo na lixeira do edifício Ana Karina
enquanto eu aqui, no cento e três,
dou atenção aos livros
e o pôr do sol em Porto Belo
me parece cada vez mais misterioso e belo.

Poema publicado na antologia: PROJETO PALAVRAS AZUIS.
Blumenau: Nova Letra, 2005. Coleção Prosa e Verso, volume 4. páginas
51-52

esperando notícias

A cidade abandona nas ruas seus mendigos:
um dorme na calçada
outro pede pão pelo interfone
Uma criança sem eira
cata papelão e lata de cerveja

Enquanto a alma humana se degenera
duas andorinhas ensaiam o primeiro vôo
alimentadas no banquete de verão
servido na revoada dos cupins

O mendigo faz da calçada
sua singela morada
As andorinhas, mais altaneiras,
fazem ninho na soleira

a ambos resolvi não importunar
ou livrar da própria sorte:
contemplação

O homem se faz verme rasteiro
as aves do céu fazem canteiro
enquanto

*“Deus teima em não mandar notícias” **

* *“Deus teima em não mandar notícias”* - título do filme de Augustin Diaz Yanes.

as dores do mundo

a Gandhi

Não choro minhas dores
próprias, íntimas, subjetivamente tecidas....
porque são minhas as dores do mundo
as dores daqueles que pisam o chão com pés descalços
as dores daqueles que lavram a terra com mãos esfoladas
as dores daqueles que habitam as calçadas com roupas rotas
as dores daqueles que permanecem no semáforo
 mesmo com o sinal estando verde....
por não ter aonde ir, o que dizer ou fazer

Há um egoísmo cívico
que não me permite pensar em mim
em não chorar por mim
em não querer para mim
E por não chorar minhas dores
resta a esperança fugidia, tênue,
de que Deus chore

mundo

na capa do jornal
que leio à sombra da figueira
da Praça Vidal Ramos
corpos mutilados
por uma bomba feita homem-bomba:
sangue! sangue em Bagdá!

o mesmo, que corre tranqüilo
em minhas veias
quando caminho tranqüilo
margeando o rio Itajaí

O QUE É A POESIA?

a poesia é a fofoca que faço sobre mim mesmo !

cor do mundo

só o amor nos dá olhos
para ver as rosas
como as rosas são:
tingidas de vermelho
vermelho do coração

hereditariedade

nosso amor inventou
um lar...
nosso lar abrigou
um filho...
seu amor inventou
um lar ...
seu lar abrigou
um filho...

dor reflexa

como é bom estar só
pensar só
respirar só
andar só

como é bom ter a sua casa
o seu computador, o seu carro,
a sua geladeira...

porém, quando bate a solidão
esse minuano que esfolia nossa alma
como é bom compartilhar

mas, como posso compartilhar
se estou só?
compartilho minhas lágrimas
com meu rosto triste
que insiste refletir-se no espelho
no espelho da solidão

espelho

estou perdido
entre pessoas perdidas
em um mundo perdido

é um labirinto de espelhos
opacos, um negando imagem ao outro
no egoísmo próprio dos espelhos
e dos homens

é um labirinto sem luz
escuro, sem imagem e margem
pleno na escuridão que oferta
ao homem, solidão

eu diante do espelho
escuro, nada vejo, nada sinto
só, plenamente eu
sequer **reflito**

as flores da Praça Elizabeth Maria Malburg
são todas vermelhas
assim como o coração de quem as plantou
assim como a ideologia de quem as plantou
sinais da revolução?

as roupas do mendigo que dorme no banco
da Praça Elizabeth Maria Malburg
são todas encardidas de um amarelo desbotado
sinais de que o mundo não mudou!

O GRITO DA TERRA

vejo pessoas caminhando
por uma estrada de chão batido
ladeada por cercas de arame-farpado
passo a passo mais alegres
como se donas fossem
do seu destino.
quem são?
onde vão?

vejo pessoas caminhando
seguem alegres, falantes, apressadas
nas mãos, algumas carregam bandeiras
outras, facões, pás e enxadas.
hinos e refrões
sonoros coros ou simples berros
abafam o som da batida cadenciada
dos pés descalços na terra dura.

a cada passo mais exaustas
a cada passo mais empoeiradas
a cada passo mais rotas,
famintas e suadas ...

cansadas e sorridentes
quem são?
descamisadas e felizes
onde vão?

vejo pessoas caminhando
quanto mais cansadas, mais unidas
quanto mais rotas, mais decididas
formando uma tertúlia
ávidas por um torrão de terra
onde plantar futuro, sonhos
suor e compaixão.
tudo fazendo por uma pequena leiva
pedaço diminuto de chão.
querem apenas plantar arroz
trigo e feijão.
uma pequena gleba
onde possam ver brotar a vida
colher a existência
com suas próprias mãos

IL GRIDO DELLA TERRA

vedo persone camminando
per una strada di terra sbatuta
affiancata per siepe di filo spinato
passo a passo piú allegri
come si padrone fossero
del suo destino.
chi sono?
dove vanno?

vedo persone camminando
seguono alegri, parlanti, frettolosi
nelle mani, alcuni portano bandiere
altri, falce, pale, zappe
inni, ritornelli
sonori cori o semplici gridi
affogati il suono delle battute cadenzata
dei piedi scalzi nella terra dura.

Ogni passo piú esauste
ogni passo piú impolverata
ogni passo piú rote
affamate e sudate ...

Stanche e sorridente
chi sono?
scamiciate e felice
dove vanno?

vedo persone stanche
piú stanche sono, píu unite
piú rotte sono, piú decise
formando una adunanza
avide per un pezzo di terra
dove piantare i futuri sogni
sudori e compassioni
facendo tutto per una piccola gleba
pezzo diminuto di terra
vogliono appena piantare il riso
granno e fagiolli
una piccola gleba
dove possono veder germinare la vita
racogliere la esistenza
con sue proprie manni.

apesar de ser
um sonho tão pequenino
não passa de ilusão.
o que tem de justo, tem de proibido:
a terra tem cerca, tem dono
e os homens, há muito
desaprenderam a dividir o pão.

a cada passo
a cada canto, então
a paz parece mais distante
fardas e armas
reforçam as cercas
cada homem, como se fosse um mourão
fincando firme no solo
como esteio da grande propriedade
orgulho do senhor patrão.

vejo pessoas caminhando
armas desfazendo sonhos
e corpos caindo ao chão.
quem caiu?
por que morre?

meu Deus! meu Deus!
é justo tombar na luta
um homem que apenas sonha
para os seus?
é justo!? diga-me, por favor, Senhor!
é J-U-S-T-O?
com tanta terra
con tanto gado
por que fazer de seu povo
um povo desgraçado?

se há comida - por que morrer de fome?
se há terra - por que morrer peregrino?
se há riqueza - por que viver roto, desvalido
por que morrer pária
no meio do caminho?
por quê?

putroppo di essere
um sogno così piccolino
non passa d'illusione
che c'è di giusto, c'è proibito:
la terra senza siepe, senza padrone
e gli uomini, ne sono tanti
hanno disimparato a dividere il pane.

Ogni passo
a ogni angolo, allora
la pace sembra piú lontana
uniforme e armi
rifornano le siepe
ogni uomo, come si fossero una palanca
piegata firme nell suolo
come palanca della grande proprietà
orgoglio del signor padrone.

vedo persone caminhando
armi sfacendo sogni
corpi caduti per terra.
chi cade?
per che muoiono?

Dio mio! Dio mio!
é giusto cadere nella lotta
um uomo che appena sogna
per i suoi?
É giusto!? dicame, per favore, Signore!
é G-I-U-S-T-O?
con tanta terra
con tanto armento
per che fare di questo popolo
um popolo disgraziato?

Se c'è cibo - per che morire di fame?
se c'è terra - per che morire pellegrino?
se c'è ricchezza - per che vivere rotti, svalutati?
per che morire paria
in mezzo alla strada?
per che?

tradução de: Sérgio Alexandre Priess.

poema publicado em português no livro **Fogo-fátuo** de 2001, págs 110-112.

Destino mudo

ela era Maria
e Maria era assim:
cantarolava no meio da rua
e sorria até sem fim...
Maria era espontânea
Maria era diferente
bonita, mas não pra tanto

ela era Maria
e Maria não sabia
o que era pranto
pois nada era pra tanto

ela era Maria
e Maria era assim !

o mendigo e a rosa

era um mendigo velho
arcado sobre a própria história

andava despreocupado sobre as lajotas
da Travessa Moritz
quando parou diante de uma rosa branca
que fugia por entre grades cinzas
de um muro azul

contemplou quanto pode a rosa
e, depois, acolheu-a entre suas mãos esfoladas e sujas
colocando-a suavemente próxima às narinas
roubando-lhe o perfume

novamente ficou paralisado a contemplá-la
até que num ato impensado
antropofágico, rápido
colocou a rosa branca entre dentes pretos..
para em seguida dar passos suaves saboreando a rosa
uma rosa branca que havia fugido
por entre grades cinzas
de um muro azul...

herança

passei meu relógio
para o pulso de meu filho

mais que horas e ponteiros
dei-lhe o peso de uma vida
levada na cadência do tempo

libertei-me escravizando:
coitado, ainda na juventude
ter a trajetória das horas
como obrigação do cotidiano

cooptação

a chuva que caiu
lavou as verdades
contidas nos muros
da cidade

fora FHC ! fora Collor ! fora FMI !

os muros da cidade
não gritam mais
suas verdades

alquímia do amor

se bem me lembro
foi numa manhã de primavera:
ela virou rosa

[rosa vermelha

depois apenas perfume de rosa

[rosa vermelha

fluindo com os primeiros raios de sol da manhã

[manhã de primavera

ela ficou para sempre
no ambiente do meu quarto
como suave aroma de rosa

[rosa vermelha!

simulacro

olho para a figueira centenária
do pequeno terreno das Cabeçadas
e lembro sempre de ti, pai ...
a barba de velho a pender sobre os ramos arcados
as orquídeas e bromélias desabrochando
pequenos pássaros fazendo ninho e prole
seus netos experimentando aventuras
a cada galho conquistado ...

olho para a figueira centenária
e lembro de ti, pai ...
como se não tivesses partido

antropofagia

tem quem coma pastagem
tomo se fosse gado
Tem quem coma bobagem
como se fosse americano
tem quem coma paisagem
como se fosse turista
tem quem como estrela
como se fosse poeta

tem quem viva de vento
como eu

ínúteis

hoje pela manhã
voltei a encontrar a nuvem que não choveu
estava só, em pleno céu azul
tentando avistar, no chão molhado
das ruas e becos de Itajaí
outras, que choveram no dia anterior

a nuvem que não choveu
espia-me
enquanto vivo gota-a-gota
uma existência fútil, medíocre, inútil

influências

nunca mais fui o mesmo
após compreender o significado de *práxis*
nunca mais fui o mesmo
após compreender **Peirce**

qual novo conceito ou pensador
me espreita na esquina?

mundo cão

cínico, eu?
cínica é a vida
que se entrega à morte
como meretriz de beco escuro
sem passado, presente e futuro
sem alternativa

rendida, sempre, diante do inevitável
como se a utopia não fosse possível

penumbra existencial

hoje o dia não nasceu
o sol ficou no outro lado das cortinas
e meu quarto permaneceu
na penumbra da minha depressão

fazendo pouco caso

dia desses vou comer João-bolão
ali na Beira-Rio
contemplando garças no Saco da Fazenda
deixarei minha boca roxa
e direi palavras loucas
a todos que por ali passarem
com seus dentes alvos e bem escovados

vou sorrir roxo
e de tudo
farei pouco ...

sonegação poética

andando pela rua Uruguai
compus um poema para mim
que preferi não passar
para o papel

o poema que fiz só para mim
esqueci na esquina da memória
dele ninguém dirá que é belo ou feio
nenhuma palavra será dita
porque, dele, nenhuma palavra será lida

ilusão

esta caneta em tua mão
servindo ao poder
escrevendo sentenças
fazendo acontecer ...
hoje ouve apenas tua voz
amanhã, será tua algoz

terá pena de ti?
não terá pena
hoje, as canetas não têm mais pena

retrospectiva

de tudo o que vivi e não vivi
de tudo que sinto falta
de tudo que não fiz ou fiz pouco
fica um sentimento profundo de perda
por não ter andado mais no meio da rua
encharcado de chuva

fui buscar a verdade
no fundo do poço
e encontrei ... lama

minha cara nua
tem tido encontros secretos
com a chuva

Chico Buarque não é um bom cantor
mas, como é bom ouvir Chico cantar

aquela criança que não fui
doe dentro de mim

os poetas que li
não sofreram por mim:
é cada um por si

andando em meio à tempestade
descobri o óbvio:
não sou o único maluco dessa cidade

as pessoas me invejam
porque não sou elas
assim, do mesmo jeito,
eu as invejo

as vezes olho para mim mesmo
e percebo a perda de tempo
que é olhar para mim mesmo

hoje andei novamente na chuva
eu e a cidade molhados
cobertos por uma nuvem preta
carregada de vida

alguns aforismos catatônicos

Não sou de esquerda, nem de direita sou de carne e osso.

Toda pessoa sectária é ignorante por opção.

Aprender a falar é o mais fácil. Difícil mesmo é aprender a hora certa de ficar calado.

Torne-se uma pessoa agradável para os outros e para si mesma: PENSE !

Nunca subestime o poder de ação e realização de uma minoria.

A diferença fundamental entre minoria e maioria é que enquanto a minoria basta a si mesma, a maioria sempre precisa de uma minoria ativa, elaborando suas relações internas.

A fama e o sucesso só têm um preço: a felicidade !

A única certeza que tenho sobre os técnicos é que eles tateiam a verdade como cegos inexperientes. Basta a formulação de uma pergunta certa, para desfazer suas fantasias e máscaras.

A ciência tornou-se um grande baile a fantasias

O que somos ? Um corpo mergulhado na realidade que criamos para nós mesmos.

O homem é sua própria obra de ficção. A natureza há muito deixou de existir para a humanidade.

Chega de pensar grandes revoluções. Todo segundo e cada gesto humano é revolucionário em si. Isto é suficiente.

O melhor da vida é recordar, porque nesse ponto da vida até as coisas ruins podem ser lembradas com uma certa pitada de humor e ironia.

A crônica é a fofoca por outros meios.

Existem pessoas tão medíocres que jamais tomarão consciência de sua mediocridade.

O casamento é o exercício cotidiano da tolerância. Mas, muitas vezes, convém também exercitar a cegueira e a surdez.

Devemos ser sempre exigentes, jamais intransigentes.

O anarquista é a pessoa que possui a liberdade de amarrar-se em suas próprias convicções. Todos os demais seguidores de ideologias são por elas amarrados. A vantagem de amarrar-se é que o nó pode ficar um pouquinho mais frouxo.

O jovem é aquele que não sabe ver tudo. O adulto é aquele que faz de conta que não vê tudo.

A mentira é a mais preciosa das invenções humanas. Sem ela as pessoas seriam simplesmente insuportáveis.

É fácil reconhecer um ignorante: é só prestar atenção nos que se julgam sábios.

Sou escravo do que me faz falta.

Sempre que aprendo algo novo me sinto mais vazio.

Quanto mais razão, menos liberdade. O homem completamente livre é um insano.

Todo homem tem seu preço. O que mantém a imagem de um homem honesto é justamente a possibilidade dele manter em segredo absoluto, por toda sua vida, esse preço.

Na política, amigo é aquele que ainda não se tornou inimigo.

Todo aquele que sonha em ser grande, antes deve pensar no trabalho que terá em se carregar.

Ao andar construo meu caminho. E se não deixo marcas é porque não desejo a ninguém a servidão de trilhar caminhos feitos pelos outros.

[* referência a poema de Antonio Machado]

Quanto mais simples, mais difícil.

utopia revisitada

o poeta ficou décadas
sem poesia dentro de si

foi a vida a lhe cobrar suor
no dia-a-dia

mas, quando parou a labuta cotidiana
desabrochou em poemas
“*Poemas para a liberdade*”

*Referência ao livro de poesias de Manoel de
Andrade [Lelo] Poemas para la libertad.*